

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

17.2.65

O ESTRANHO VÔO

Quinta-feira passada cheguei à Paris, vindo de Londres, e no mesmo dia à noite fui a Orly pegar o avião da Panair para o Brasil. No lugar do DC-8 da Panair estava um Boeing 707 da VARIG.

O golpe fôra vibrado com uma rapidez que deixara todo mundo tonto. O pessoal das agências européias da Panair recebera ordem de cooperar com a VARIG, e todo o pessoal de vôo, baseado em Lisboa, deveria regressar, com seus parentes, naquele mesmo avião. Vieram ao todo 41 pessoas, inclusive quatro comandantes. Muitos com mais de 10 anos, alguns com 20 de Panair. O estado de espírito desses homens não era de beatitude. Do dia para a noite deixava de existir a empresa que era uma grande realidade em suas vidas. "Estamos todos no ar" — disse-me um deles, fazendo graça com a cara triste.

O pessoal da VARIG — sempre muitos homens louros, recrutados entre o pessoal da colônia no Sul — cumpria com silenciosa eficiência sua missão. Alguns deles procuravam mostrar sua simpatia pelos colegas da outra companhia, com o ar de tripulantes de um navio a acolher náufragos. Vi apenas um detalhe anti-pático: um funcionário da VARIG, creio que um comissário, observava a um seu colega da Panair que os passageiros tinham trazido um volume excessivo de bagagem de mão. "Na VARIG isso não seria permitido!" O outro o fitou com um olhar em que senti a mistura de ódio e desprezo. Não disse nada, mas seu silêncio era uma redoma contendo um palavrão.

Mas houve também uma aeromoça minha conhecida a quem felicitei: "Você agora vai conhecer bem a Europa..." — e ela respondeu alto, para que os tripulantes da Panair ouvissem: "Não creio, isso não pode ficar assim; dentro de uns dez dias o Governo vai normalizar a situação. A Panair é uma grande companhia, não pode acabar assim de repente..."

A eficiência do pessoal da VARIG foi perfeita; parecia que todos estavam habituados a fazer aquela linha; tudo funcionou direito, inclusive o serviço de bordo.

O Sr. Erick de Carvalho, Vice-Presidente da VARIG e antigo Diretor da Panair, era uma ligação afetiva entre o pessoal das duas empresas, a bordo e em terra.

UMA TRADIÇÃO

Para os que, como nós, vivemos algum tempo na Europa, ou por lá viajamos, o nome da Panair do Brasil tem velhos ecos sentimentais. O *cafézinho da Panair* era o símbolo de uma série de atenções, de serviços, de apoio moral e sentimental. A Panair era a verdadeira casa do Brasil.

Lembro-me da revolta de Paulo Sampaio quando, em uma fase da luta pela nacionalização da empresa, as autoridades da Pan American ordenaram o fechamento das agências Panair: o serviço deveria ser feito nas agências da Pan American. A ordem não foi seguida. Os brasileiros na Europa continuaram a ter ali seu *cafézinho*, seu jornal, sua agência de recados, seu ponto de encontro, sua pequena pátria.

E agora ouvi este comentário amargo: "Eu queria ver se esse Governo fechava a Panair se a Pan American ainda estivesse mandando lá..."

A LIVRE INICIATIVA

Não quero entrar no debate, que envolve lutas de grupos financeiros; isso é briga de brancos. É espantosa a divergência dos dados apresentados pelas partes em conflito.

Do ponto-de-vista nacional sempre achei que a AeroBrás era a solução econômica e certa. Leio, transcrito nos jornais do Rio, o editorial de um grande jornal paulista em que essa solução é apresentada como idéia de comunistas "visando minar o regime da iniciativa livre e as instituições democráticas". É o "combate à iniciativa privada e à democracia".

Com a exceção dos Estados Unidos e não sei se alguma outra, as democracias do mundo inteiro têm apenas uma grande empresa aérea, de caráter nacional, de propriedade do Estado ou dele dependendo diretamente em maior ou menor grau. Aviação é um serviço público e um serviço público estreitamente ligado aos interesses da defesa nacional. Assim é entendido na França, na Inglaterra, na Suíça, na Suécia — países onde, apesar disso, ainda funciona a democracia...

Mas no Brasil estamos vivendo a grande hora da glorificação da iniciativa privada — mesmo quando a iniciativa e os lucros são privados, mas os riscos e os prejuízos são da Nação. Aquêl grande jornal tão interessado em defender as "instituições democráticas" é o mesmo que pregava há meses a dissolução do Congresso.

Quanto à mística da "iniciativa livre", devo confessar que se eu tivesse dinheiro empatado em alguma empresa de aviação iria correndo vender minhas ações para comprar dólares ou qualquer outra coisa: quem me garante que amanhã a empresa em que meti meu dinheiro não terá suas concessões cassadas do dia para a noite? Como tímido e fervoroso adepto do capitalismo eu não me sinto seguro quando as autoridades põem e dispõem com tanto desbarato da sorte das empresas particulares. E se o eficiente Sr. Rubem Berta amanhã cair em desgraça e passar a ser um capitalista da oposição, e deixar de ser um capitalista da situação? Ah, no Brasil tudo é complicado, até a gente ser a favor...

68/057
F...
...
...

...
...

28
MA

333



17.12/65

yb-

...

...